

SABERES TRADICIONAIS DO SEMIÁRIDO PIAUIENSE: PROPOSTA DE INCLUSÃO CURRICULAR

Maria Alveni Barros Vieira
Adauto Neto Fonseca Duque
Maria das Dores de Sousa
Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho
Luiza Xavier de Oliveira

Universidade Federal do Piauí\alvenibarro@bol.com.br
Universidade Estadual do Piauí\duqueadauto@yahoo.com.br

Resumo

Nesse trabalho, objetivamos apresentar as atividades extensionistas realizadas por um grupo de professores e alunos das Universidades Federal e Estadual do Piauí, Campus de Picos, que culminaram na produção de um inventário dos sujeitos, saberes e práticas tradicionais de uma parte do semiárido piauiense, situada nos espaços fronteiriços com o Ceará, Pernambuco e Paraíba. Trata-se de um trabalho vinculado aos aportes teóricos e metodológicos da História Cultural em suas interfaces com a História da Educação, cujas análises encontram-se articuladas a partir do entendimento de educação definido por Thomas (2000) como parte essencial do conjunto de valores que caracterizam a formação cultural de uma sociedade, sem perder de vista suas diferentes formas de manifestação. Também fizemos uso da noção de Práticas Culturais delineada por Chartier (2001) como os modos de fazer dos sujeitos históricos por nos permitir reconhecer, junto aos partícipes, uma identidade social e uma maneira própria de estar no mundo. Os inventários realizados até o presente momento parecem indicar que o semiárido piauiense é desconhecido de grande parte da população do Estado. Até mesmo quem nele habita, fala do semiárido como um espaço distante de suas vivências cotidianas, evidenciando uma certa inconsciência do sujeito com a história e a cultura local. Os indícios também nos permitem inferir que a ausência de um mapeamento histórico cultural dos sujeitos, dos saberes e das práticas tradicionais e sua organização sistemática em forma de livros didáticos e paradidáticos, documentários, cartilhas, não favorecem uma maior divulgação dos mesmos entre as novas gerações.

Palavras-chave: saberes, práticas, educação, semiárido, Piauí.

Introdução

O semiárido que habitamos, os saberes tradicionais que ali cultivamos

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2016) o semiárido brasileiro compreende uma extensão total de 982.563,3 km². Dessa área, a Região Nordeste concentra um total de 89,5%, abrangendo a maioria dos estados nordestinos, com a exceção do Maranhão, e o Estado de Minas Gerais, situado na Região Sudeste, que possui os 10,5% restantes (103.589,96 km²).

Numa pretensa subdivisão (geo) cultural o estado do Piauí compreenderia 224 municípios dos quais 149 encontram-se situados no semiárido. É sobre essa parte peculiar do

território piauiense que detemos nossos estudos tanto no que tange a sua formação étnico-cultural, as identidades sociais, quanto a valorização da história e das memórias dos seus moradores. São grupos diversos em trabalho, trajetórias históricas e marcados pelo costume e tradições repassadas sob o viés da ancestralidade, constituindo práticas sociais, políticas, econômicas e culturais. Práticas e saberes transmitidos por sucessivas gerações através da memória, forjando suas representações e preservando seu patrimônio histórico-cultural material e imaterial. No nosso entendimento, aqui entra o papel da escola como agente de fomento, produção, divulgação e preservação de cotidianos próprios a esses grupos sociais do semiárido.

Aqui rememoramos que a penetração e o repovoamento de parte do Sertão de Dentro, hoje conhecido como Vale do Guaribas e Vale do Canindé no centro sul piauiense, aconteceram através dos criadores de gado vacum e cavalar vindos da Bahia, vinculados aos senhores da *Casa da Torre de Tatuapara*. Bandeira (2000) observa que desde os anos de 1663 o capitão Garcia d'Ávila, seu filho Francisco Dias d'Ávila II e seus sócios Domingos Afonso Sertão e Julião Afonso Serra, penetraram na região que vai do médio São Francisco até o rio Parnaíba, limites atuais dos Estados do Piauí e Maranhão.

Por conseguinte, desde fins do século XVII, homens, mulheres e crianças, brancos, negros, mestiços, índios, livres ou escravizados, ali se instalaram às margens dos rios Guaribas e Canindé onde iriam erigir fazendas, sítios, retiros, currais e capelas. Em estudos realizados acerca da formação da sociedade picoense, Vieira (2005) relata que nas povoações, que então se iniciavam na região centro sul do Piauí, as bases da economia local assentavam-se na pecuária extensiva contribuindo para a afirmação de um ideal de homem que se revelava através da imagem do vaqueiro, do criador, do negociador de gado.

Em estudos anteriores, Brandão (1995) afirmava que no Piauí colonial foi se instituindo uma sociedade de vaqueiros onde a criança aprende, desde cedo, na labuta cotidiana do dia-a-dia, as atividades de pastoreio. Castello Branco (1942), em obra sobre a civilização do couro no Piauí, bem descreve tais atividades:

[...] laça bezerros, peia, auxilia na marcação, ajuda a domar garrotes e potros bravos ou a pegar o lote de cavalos da sela solto no 'cercado' amplíssimo ou no baixão. Frequentemente levanta de madrugada para ordenhar vacas. (CASTELLO BRANCO, 1942, p.4).

Não por acaso, as identidades piauienses projetadas no imaginário social, recorrem constantemente a imagem do vaqueiro, a cultura do boi, da vaquejada, ao uso dos utensílios de couro, seja nas cantigas de roda, seja nas brincadeiras infantis. O escritor folclorista

piauiense, Silva (1988), não ignorava a permanente influência de uma cultura pastoril nas folganças populares piauiense do século XX como consequência da criação e da exportação do gado ali desenvolvidas nos séculos anteriores e muitas vezes expressa em eventos nacionais que contam com a participação de comitivas piauienses:

O meu boi morreu,
Que será de mim?
- Manda buscar outro,
Ó maninha,
Lá no Piauí! (SILVA, 1988, p.93).

Também a historiadora Nunes (2003, p.88), observa que no universo das manifestações populares do povo piauiense no século XXI, as influências dos séculos de colonização ainda se fazem presentes no imaginário coletivo representadas “[...] pelas habitações, mobiliários, artesanatos e religiosidade [...]”, além de outras expressões a exemplo dos cantos, das danças, das comidas e das lendas principalmente.

Decerto, que esses autores não desconhecem as influências da globalização em expropriar das referências, os modos de vidas locais do povo habitador do semiárido. Também não ignoram a decadência das práticas culturais de uma comunidade em troca de um padrão fabricado pelo mercado financeiro amplamente divulgado pelos meios de comunicação de massa. O historiador piauiense Celestino (2003), por exemplo, há tempos nos alerta sobre os riscos de agravamento dos valores de uma comunidade que são morais, mas também culturais:

Um dos resultados negativos da globalização é um amplo desenraizamento que desfaz modos de vida locais, expropria milhões de seres humanos de suas referências culturais e de suas próprias vidas. Assim, todo um processo cultural entra em decadência e, em troca, é oferecido um padrão fabricado pelo consumo, que tem na mídia um emulador permanente, pausterizando todo e qualquer tipo de diferença. (CELESTINO, 2003, p. 420).

Todavia, apesar da globalização dos costumes nos tempos contemporâneos, observamos através da realização de pesquisas acadêmicas realizadas no âmbito das universidades estaduais e federais do Piauí, que parte dos saberes e práticas tradicionais teimam em permanecer como fatores que respondem pela marcante originalidade do povo que habita o semiárido dos sertões nordestinos, especificamente, o semiárido piauiense: a maneira de pensar, falar e agir, suas expressões culturais e artísticas, suas crenças, valores, usos e

costumes, a relação de suas vivências com a seca, a tradição, a fé, a religião e a política, suas formas de sociabilidades e práticas educativas realizadas em tempos e espaços diferenciados.

Falta-lhes, todavia, a consciência plena de que todos esses sentimentos, sensações e afinidades, são pertinentes e se desenvolvem num espaço geográfico específico, denominado semiárido piauiense.

Metodologia

A suposta invisibilidade do semiárido piauiense, ou o que não queremos ver

É verdadeiro afirmar, que com a intensificação do processo de globalização na década de 1990, difundiu-se a ideia de uma pretensa uniformização cultural no Brasil. Consequentemente foram desencadeados movimentos de resistência a essa possibilidade e o mais importante deles foi o despertar para o conhecimento, reconhecimento e preservação da identidade cultural de cada grupo. Não por acaso, no ano de 2012, o Brasil, assim como outros 121 (cento e vinte e um) países, ratificou o que foi estabelecido na Convenção sobre a Proteção e a Promoção da Diversidade das Expressões Culturais da Unesco. De acordo com essa Convenção, nosso país tem obrigação de criar políticas e leis que protejam e promovam todas as expressões culturais, entre elas as populares e tradicionais. Isso significa garantir os direitos daqueles que detêm os conhecimentos e produzem as expressões dessas culturas. Também significa dar condições sociais e materiais para a transmissão desses saberes e fazeres.

Estudos realizados por Nepomuceno (2005), indicam que a região nordestina foi uma das primeiras a evidenciar preocupação com a necessidade de preservar e divulgar sua identidade cultural, o que só foi possível naquelas comunidades que, de alguma forma, mantinham suas tradições em evidência. Esse não foi o caso do semiárido piauiense.

O semiárido piauiense é desconhecido da maioria da população do Estado. Até mesmo quem nele habita, fala do semiárido como um espaço distante de suas vivências cotidianas a exemplo do que ocorre nas escolas do ensino fundamental quando vão estudar as regiões brasileiras. A historiadora Dias (2003, p.216), nos diz que sobre a história cultural do Piauí, “Falta ainda muito a ser estudado e pesquisado. Existem enormes lacunas no ensino universitário, fundamental e básico”.

Em pesquisas realizadas sobre a valorização da História Local nos currículos das escolas situadas no semiárido piauiense, Silva e Vieira (2015) constataram a ausência de conteúdos sobre o tema na maioria absoluta das instituições de ensino fundamental investigadas. No entendimento das professoras do ensino fundamental que participaram da

pesquisa de Silva e Vieira (2015), o desconhecimento da História Local era promovido, principalmente, pela falta de informações sistematizadas acerca de tais conteúdos. Todas foram unânimes em concordar que a valorização da História Local no Ensino Fundamental é o ponto de partida para esse processo de formação do cidadão, do agente histórico, conhecedor de suas tradições culturais.

De fato, desde o ano de 2006, um grupo de professores da Universidade Federal do Piauí vem desenvolvendo projetos com a finalidade investigar o processo histórico de formação e desenvolvimento de algumas comunidades do semiárido piauiense objetivando sistematizar um conjunto de saberes que possa ser utilizado como material didático nos primeiros anos do ensino fundamental. Inicialmente, os trabalhos recaíram sobre a compilação de obras acadêmicas e literárias que versassem de forma direta ou indiretamente sobre o tema, assim como a busca por depoimentos de pessoas consideradas agentes praticantes dos saberes tradicionais. Tivemos como resultado a coletânea organizada pela professora Maria Goreth de Sousa Varão com título *Picos: histórias que as famílias contam* (2007), resultado do projeto de extensão “Produção de textos: histórias de vida” (2006).

Seis anos depois, no ano de 2012, foram desenvolvidos projetos de pesquisa que tiveram como proposta pedagógica o levantamento de informações históricas sobre diferentes aspectos de algumas comunidades do semiárido piauiense, assim como, a produção de materiais didáticos para o ensino de História Local nos primeiros anos do ensino fundamental. Tratavam-se de pesquisas respaldadas nos aportes teóricos da História Local como abordada por Silva (1998) e subsidiada pelo colhimento de informações na tradição oral e na leitura de obras literárias.

Logo na realização das primeiras etapas das pesquisas, constatamos que a produção de materiais didáticos no campo da História Local é complexa, exige estudos profundos sobre a história dos grupos nos diferentes níveis da vida coletiva e nas suas relações com outros grupos e com a sociedade nacional. Ademais, esses trabalhos eram desenvolvidos por alunos cursando o último período do curso de Pedagogia promovendo, ao finalizarem o curso, o processo de descontinuidade das investigações, muito embora tenha sido possível a produção de textos sobre a temática, publicados no V FIPED (2013) como:

- i) *Histórias que deveriam ser contadas no ensino fundamental*, com autoria das professoras Maria Alveni Barros Vieira e Maria Goreth de Sousa Varão, além das alunas Antônia Agna Alves de Andrade e Valéria Belo de Moura Silva - Consiste no relato de parte de um projeto de pesquisa que teve como finalidade investigar o

processo histórico de formação e desenvolvimento da sociedade picoense, objetivando sistematizar um conjunto de saberes que possa ser utilizado como material didático nos primeiros anos do ensino fundamental. As informações levantadas pela equipe de pesquisadoras, permitiram concluir que parte da população rural da municipalidade de Picos, situada no semiárido piauiense, ainda vivia em consonância com os ciclos da natureza. Pelos relatos analisados eram as estações do ano que conduziam as principais atividades de trabalho e de lazer realizadas naquela época e, por conseguinte, conduziam a vida cotidiana da comunidade rural picoense: a) Estação Chuvosa (dezembro, janeiro, fevereiro e março) considerado o tempo da fartura de frutas e cereais; b) Fim da Estação Chuvosa (abril e maio) tempo do fim das chuvas, quando ocorria o início dos preparativos para o plantio do alho e da cebola no leito do rio. Também era a época das festividades católica conhecida como Semana Santa, quando se aproveitava para visitar parentes, compartilhar alimentos (abóbora, melancia, ata) momento em que ocorria a feitura de comidas típicas desse período (quibebe de abóbora, pamonhas, canjica, feijão verde temperado com manteiga da terra e nata, doce de leite, coalhada); c) A desmancha da Mandioca e a moagem da Cana (junho, julho e agosto) tempo da frieza, tempo de desmanchar a mandioca para fazer farinha e goma. d) Período de Espera (setembro, outubro e novembro) tempo do famoso b.r.o.bro, do abrasamento da terra, período reservado para o remonte das cercas, bem como, a broca, o destocamento e encoivramento das terras. Ao mais antigos lembraram que esse era o tempo preferido dos pais de família para a contratação do mestre-escola.

ii) *História Local em sala de aula: uma proposta de produção de materiais didáticos para as primeiras séries do ensino fundamental*, mais uma vez com autoria das professoras Maria Alveni Barros Vieira e Maria Goreth de Sousa Varão, e a participação das alunas Janaina de Moura Cavalcante e Jéssica Priscila de Jesus Silva. Assim como no artigo citado anteriormente, nesse trabalho, também foi realizado o relato de um projeto de pesquisa desenvolvido na Universidade Federal do Piauí – Campus de Picos. Aqui, a proposta consistia em sistematizar um conjunto de saberes que pudesse ser utilizado como material didático nos primeiros anos do ensino fundamental. As informações, então levantadas junto a Coordenação do Ensino Fundamental do Município de Picos (PI), ocorrido em meados do ano de 2012, permitiu constatar a inexistência de

qualquer material didático (livros, apostilas, jogos, mapas, etc) para o ensino de História Local no primeiro ciclo do ensino fundamental. Mesmo em escolas particulares, as pesquisadoras depararam com a ausência de material didático específico, enquanto outras utilizavam textos avulsos com informações fragmentadas e, por vezes, equivocadas.

Ainda no ano de 2012, foi cadastrado o projeto de pesquisa intitulado História da sociedade picoense para o ensino fundamental tendo sido desenvolvido até o ano de 2014, sem maiores desdobramentos por descoberta dos pesquisadores da necessidade de uma pesquisa prolongada e rigorosa sobre os tempos coloniais daquela parte do semiárido piauiense, sob o risco de reproduzir equívocos históricos nas escolas. Todavia os relatórios finais foram devidamente apresentados e vem subsidiando outros trabalhos que adotam a cidade como objeto de estudo. Com perspectivas metodológicas similares, ainda foi produzido o Trabalho de Conclusão de curso sobre o ensino da História Local nas escolas da cidade de Francisco Santos, localizada no semiárido piauiense no ano de 2015. Nenhuma dessas ações promoveram o impacto esperado.

A escassez de trabalhos acadêmicos que adotassem o semiárido piauiense, especificamente, o semiárido que faz parte da região conhecida como Vale do Guaribas e Vale do Canindé, se fez mais evidente por ocasião da elaboração do currículo do curso de medicina a ser implantado no campus Senador Helvídio Nunes de Barros (UFPI\Picos) em 2017. A comissão, então formada por 18 (dezoito) professores das áreas de Educação, Saúde e Ciências da Natureza com a finalidade de elaborar a Proposta Pedagógica do curso se depararam com a ausência de informações sistematizadas e analisadas na academia que pudessem respaldar o perfil regional do curso. A solução foi a compilação e exposição de dados “crus” apresentados pela Proposta Plurianual da Prefeitura Municipal de Picos (2016-2017).

A conclusão que parte da comissão supracitada chegou foi: não enxergamos a comunidade em vivemos e trabalhamos, não sabemos o que é o semiárido piauiense, realizamos pesquisas e ações extensionistas aplicáveis em qualquer parte do Brasil e a exemplo do que já afirmava Moraes (1989, p.154) em fins da década de oitenta, ressaltaram que o problema dos acadêmicos brasileiros continua sendo o grande orgulho da “[...] ventriloquia em seu discurso de empréstimo”.

Resultados e discussões

O semiárido no centro das atenções acadêmicas, o acesso ao currículo

Em fins do ano de 2017, foi cadastrado na Universidade Federal do Piauí um amplo Programa de Extensão denominado *Tradições do semiárido piauiense* a ser desenvolvido até o final do mês de novembro de 2019. Elaborado por um conjunto de 11 (onze) professores das áreas de Pedagogia, História, Sociologia, Letras e Sistemas de Informação, a proposta se desdobra em dois projetos complementares entre si, a saber:

- i) *Sujeitos, saberes e práticas tradicionais no semiárido piauiense*, que tem por objetivo realizar um amplo mapeamento dos saberes e das práticas tradicionais ainda presentes em diversas comunidades do semiárido piauiense, mais especificamente na região centro sul do estado. Não obstante, a proposta também intenciona identificar os mestres das artes e dos ofícios, das rezas, dos cantos e dos contos, mestres dos reisados, das vaquejadas, das farinhadas e das moagens, mestres das danças, das comilanças e do curandeirismo, mestres capazes de descrever parte das práticas e dos saberes há muito esquecida pela maioria da população. A compilação dos dados vem sendo efetuada por meio de entrevistas semiestruturadas procurando sistematizar as informações através de 4 (quatro) eixos: a) trajetória de vida dos mestres; b) saberes e práticas tradicionais do seu domínio; c) formas de aprendizagem; d) formas de ensinamento e aprendizes. Na fase atual, os alunos extensionistas encontram-se no processo de transcrição das entrevistas, editoração das imagens e elaboração de artigos científicos.
- ii) O segundo projeto traz como título *Acervo digital dos sujeitos, saberes e práticas tradicionais do semiárido piauiense* e intenciona transformar o material produzido pelo projeto anterior em arquivo contendo as entrevistas, fotografias, imagens e texto produzidos pelos partícipes do projeto supracitado com a finalidade específica de levar à um público extenso, informações e conhecimentos sobre as tradições do semiárido. Essa proposta encontra-se no processo de desenvolvimento de uma plataforma virtual em parceria com a Universidade Federal do Piauí para a disponibilização dos dados a todos os usuários interessados na temática, especialmente professores da educação básica.

O respaldo teórico geral das duas propostas encontra-se assente nas afirmações de Barbizani (2010) quando ressalva a importância de reconhecer a cultura digital como um tipo de área do conhecimento que gestiona e intercruza as informações e conhecimentos produzidos pela humanidade, preserva e divulga saberes tradicionais, evitando assim, que

os mesmos desapareçam. É, pois, com os objetivos de sistematizar, divulgar e preservar por meio de ferramentas digitais os sujeitos, os saberes e as práticas tradicionais do semiárido.

Uma reação mais contundente, emerge desse mesmo coletivo de professores ao elaborarem uma proposta de Mestrado Profissional para ser apresentada à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) em 2019. Trata-se de um projeto minuciosamente construído que traz como objetivo central investigar a educação escolar básica no contexto sociocultural do semiárido nordestino e, mais especificamente, do semiárido piauiense, além de apresentar propostas de intervenção nos currículos e práticas educativas.

Apoiados nas reflexões de Moreira (2004), a comissão de elaboração da proposta justifica a sua feitura afirmando, que embora pretendam desenvolver estudos em uma área de conhecimento acadêmico relativamente ancorada por um certo número de pesquisas realizadas por outras instituições de ensino superior é possível observar que os resultados de tais investigações permitem, tão somente, comparações aproximativas com o cenário educacional do semiárido nordestino, posto que, muitas são as variações e variedades de sujeitos, processos e práticas culturais presentes no território brasileiro, em função dos cenários locais, dos saberes e fazeres tradicionais de comunidades específicas.

Afirmam, ainda, não desconhecem as exigências do cenário político e econômico atual sobre a formação continuada de professores da educação básica para atuar numa sociedade globalizada em vertiginosa transformação e imprevisibilidade (GATTI, 2009; NÓVOA, 2009; LIBÂNEO, 2014). Mas voltam a inferir veementemente, que apesar dos esforços de comunidades de pesquisadores internacionais e de várias regiões brasileiras, o corpo de conhecimento até então construído e apresentado, de forma universalista, não produziu impactos significativos no cotidiano escolar local por não dialogar intimamente com a realidade onde as práticas educativas são desenvolvidas.

Desta feita, delimitam como possíveis alunos do mestrado professores em exercício das suas funções na educação básica do semiárido nordestino e mais especificamente, semiárido piauiense. Certamente, essa proposta de pós-graduação desempenha uma função extremamente importante ao aproximar a academia dos outros níveis escolares, ao produzir e socializar conhecimentos científicos, ao contribuir para a formação do professor crítico, reflexivo, transformador da sua realidade no espaço escolar, principalmente.

Como parte desse coletivo de professores, concordamos com Oliveira e Almeida (2009) ao afirmarem que,

O conhecimento só tem um verdadeiro significado quando é colocado na prática, quando se percebe como algo importante, ligado às atividades diárias do sujeito, fazendo parte das relações sociais, dentre aquelas estabelecidas no seu ambiente de trabalho (OLIVEIRA; ALMEIDA, 2009, p. 165).

Defendemos ser preciso buscar alternativas mais apropriadas do que as iniciativas que se limitam a sondagem da realidade para fins de trabalhos acadêmicos e entendemos que a formação de grupos de trabalho e estudo composto por profissionais em exercício das atividades escolares no ensino fundamental e médio é um caminho a ser experimentado para a montagem de intervenções concretas no currículo escolar propondo conteúdos e atividades educativas vinculadas a realidade que nos cerca. No nosso caso, o semiárido do centro sul piauiense, principalmente.

Considerações Finais

Depois de tímidas iniciativas, pesquisas isoladas, que objetivavam discutir os saberes e as práticas tradicionais do semiárido mas que serviram para constataremos que a História Local quando trabalhada nas escolas apresenta-se como um apêndice de conteúdos mais universais, concluímos que a academia tem um papel relevante nas discussões que enveredam de alguma forma na construção da identidade do povo do semiárido piauiense e na preservação das suas práticas e dos seus saberes tradicionais. Mas não é suficiente.

Faz-se necessário o extremo auxílio dos professores da educação básica. Não como mero partícipes de pesquisas na condição de entrevistados, mas na promoção de uma formação continuada em programas de pós-graduação para que os mesmos possam ultrapassar, como ressalva Lüdke e Cruz (2010, p.114), a condição de “[...] meros repetidores de um saber cristalizado, mas testemunhas vivas e participantes de um saber que se elabora e reelabora a cada momento, em toda parte.”

Professores habilitados para interferirem adequadamente, na construção e na implementação de propostas curriculares, na proposição, na gestão e na coordenação de políticas educacionais, assim como nos processos avaliativos do sistema de ensino em que atuam, capazes de interferirem na qualidade do ensino, em âmbito local, regional e nacional, sem deixar de considerar os processos de transformações decorrentes dos contatos interculturais e da globalização da cultura.

Referências

BANDEIRA, Luiz Alberto Vianna Moniz. 2000 – **O Feudo** – A Casa da Torre de Garcia d'Ávila: da conquista dos sertões à independência do Brasil, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 2000.

BARBIZANI, Vinícius. **A Cultura da Convergência**. Disponível em: http://imasters.uol.com.br/artigo/10688/webmarketing/a_cultura_da_convergencia/ Acesso em: 22 jan. 2010.

BRANDÃO, Tânia Maria Pires. **A elite colonial piauiense: família e poder**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995.

CASTELLO BRANCO, R.P. **A civilização do couro**. Teresina: COMEPI, 1942.

CELESTINO, Erasmo. Piauí: mostra a tua cara e diga qual é o teu negócio. In: SANTANA, R.N. Monteiro de. **Apontamentos para a história cultural do Piauí**. Teresina (PI): FUNDAPI, 2003.

NUNES, Maria Cecília Silva de Almeida. Revisitando a cultura popular no Piauí: marcas do passado nas manifestações do presente. In: SANTANA, R.N. Monteiro de. **Apontamentos para a história cultural do Piauí**. Teresina (PI): FUNDAPI, 2003.

SILVA, Pedro. **O folclore no Piauí**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves\Gráfica Mendes, 1988.

GATTI, Bernadete Angelina; NUNES, Muniz Rossa (Org.). **Formação de Professores para o Ensino Fundamental**: estudo de currículos das licenciaturas em pedagogia, língua portuguesa, matemática e ciências biológicas. São Paulo: Fundação Carlos Chagas/DPE, 2009.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática e Docência: **formação e trabalho de professores da educação básica**. In: CRUZ, Giseli Barreto da et al. (Org.). Ensino de Didática: entre recorrentes e urgentes questões. Rio de Janeiro: Editora Quartet, 2014. P. 77-110.

LÜDKE, Menga; CRUZ, Giseli Barreto da. Contribuições ao debate sobre a pesquisa do professor da educação básica. Revista Brasileira sobre Formação de Professores. v. 02, n.03, ago-dez, 2010.

MORAIS, Regis. **Cultura brasileira e educação**. Campinas (SP): Papirus, 1989.

MOREIRA, Marco Antônio. O mestrado (profissional) em ensino. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, v.1, n. 1, p.131142, julho, 2004.

NEPOMUCENO, Cristiane Maria. **O jeito nordestino de ser globalizado**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal (RN), p 193, 2005.

NÓVOA, Antonio. **Professores: imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2009.

OLIVEIRA, Silvia Andreia Zanelato De Pieri; ALMEIDA, Maria de Lourdes Pinto de. Educação para o mercado x educação para o mundo do trabalho: impasses e contradições. **REP - Revista Espaço Pedagógico**, v. 16, n. 2, Passo Fundo, p. 155-167, jul./dez. 2009. P. 155-167.

PICOS. Secretaria de Planejamento. **Plano Pluri Anual** (2016-2019). Disponível em: <http://www.picos.pi.gov.br/>. Acesso em 15 de abril de 2018.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Docência como atividade profissional**. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro; D'Avila Cristina (Org.). Profissão docente: novos sentidos, novas perspectivas. Campinas, SP: Papirus, 2008.

VIEIRA, Maria Alveni Barros. **Educação e sociedade picoense: 1850-1930**. Teresina: EDUFPI, 2005.

VIEIRA, Maria Alveni Barros. **Relatório Histórico**. In: VARÃO, Maria Goreth de Sousa (Org.). **Picos: histórias que as famílias contam**. Teresina: EDUFPI, 2007.

VIEIRA, Maria Alveni Barros. et all. **Histórias que deveriam ser contadas nas escolas**. In: V FIPED, 2013. Parnaíba (PI). Disponível em http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Trabalho_Comunicacao_oral_idinscrito_435_9a611ed2702d149c7a37d9d2061052ff.pdf. Acesso em 10/10/2018.

VIEIRA, Maria Alveni Barros. et all. **História Local no ensino fundamental**. Disponível em http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Trabalho_Comunicacao_oral_idinscrito_435_9a611ed2702d149c7a37d9d2061052ff.pdf. Acesso em 10/10/2018.